

IMAGEM, DISCURSO E SIGNIFICAÇÃO: RELAÇÕES ENTRE SUJEITOS NA TESSITURA DOS SENTIDOS

A
R
T
I
G
O

*Ederson Luís Silveira**
*Aquella Miranda Schneider Duarte***

Resumo: O presente trabalho descritivo e interpretativo de abordagem qualitativa se insere na linha dos estudos discursivos, tem por base a Análise do Discurso de linha francesa de Michel Pêcheux e pretende discutir as relações entre sujeito, imagem e interpretação. Com vistas a contribuir para os estudos deste campo, sobretudo no que se refere ao estudo das imagens articuladas com discursos verbais, far-se-á uma análise descritiva com base parcial da bibliografia teórica de autores que dialoguem com a AD francesa visando lançar luzes para a materialidade de análise. Munidos deste aporte teórico-metodológico, charges que contenha discursos verbais e não-verbais de representação do mundo devem ser percebidas enquanto elementos articulados que colaboram entre si no instante da interpretação e não como elementos hierarquizados um sobre o outro. Desse modo, procura-se destacar as diferenciações do discurso verbal e não-verbal considerando-os exteriores à língua materializados em enunciados com características específicas (re)produtoras de sentidos.

* UFSC/CAPES

**CLAEH
Montevideo,
Uruguay

Palavras-chave: Estudos discursivos. Imagem. Interpretações.

Aspectos introdutórios

O presente trabalho é descritivo e interpretativo de abordagem qualitativa em função da necessidade de descrever/interpretar à luz dos estudos discursivos e pretende debruçar-se a partir de reflexões sobre a charge enquanto materialidade de análise. Neste sentido, urge apresentar alguns estudos que partem do aporte teórico-metodológico da análise de discurso

francesa (de Michel Pêcheux) neste espaço introdutório que podem servir de ancoragem para os gestos de interpretação que serão tecidos em seguida.

Sobre a linguagem, pode-se dizer que ela pode materializar-se de diversas formas e tem sido trabalhada sob diversos aspectos a partir da Semiótica, dos estudos discursivos e das teorias cognitivas ligadas, por exemplo, à comunicação. Dessa



forma, no presente trabalho cabe um estudo sobre considerações acerca do discurso imagético a partir da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa no campo teórico de investigação mencionado. A partir disso, verificar-se-á como as noções da AD ocorrem no discurso imagético, levando-se em consideração o fato de que a imagem ultrapassa as barreiras do discurso verbal e de que modo, atuando no campo de representação simbólica, dialoga com a realidade que representa.

A critério de exemplificação pode-se aqui mencionar que nas charges em que há o (re) surgimento da violência simbólica infere-se que há um movimento no sentido de assegurar a dominação de uma classe sobre outra a partir de instrumentos de imposição da legitimação do poder, onde ocorre a “domesticação” dos dominados. Em consonância a isso, o sociólogo Pierre Bourdieu fala acerca da violência simbólica atentando para a existência do poder simbólico, que estaria em toda parte e seria de natureza invisível, somente exercido com a “cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem.” (BOURDIEU, 1989, p. 8).

Neste sentido, considera-se aqui o aspecto histórico do fenômeno da situação em que podemos encontrar a luta das classes, pressuposto recorrente na AD de linha francesa mencionado por Althusser que considera a história “um imenso sistema ‘natural-humano’ em movimento, cujo motor é a luta de classes” (ALTHUSSER, 1978, p. 28). Assim, atenta-se para a relação entre a violência simbólica e a luta de classes percebida a partir da definição de que a produção simbólica é

apenas parte menor da luta simbólica entre as classes.

O campo de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem aos interesses dos grupos exteriores do campo de produção. (BOURDIEU, 1989, p.12)

A luta de classes aparece retratada na teoria de Bourdieu como a luta pelo domínio do poder simbólico que atinge tanto aquele que age (a partir dos discursos de dominação) quanto o dominado (nos ambientes de humilhação, ambos os sujeitos envolvidos em situação de violência simbólica seja aquele que exerce quanto aquele que sofre a violência). Dessa forma, a imagem torna-se um instrumento de produção de sentidos e aponta para a existência de discursos outros incluindo aí a representação de sujeitos históricos reais (no caso vítimas e/ou agentes da luta de classes).

Levando em consideração a situação humilhante como um ambiente e o fato de que os sujeitos participam do processo de violência em relação a outro sujeito silenciado de seu dizer (ou que tem seu discurso inferiorizado) é preciso atentar para o modo como ocorrem as relações discursivas entre esses sujeitos, levando em consideração as condições de produção do sentido produzidas a partir dos discursos que atravessam os dizeres do sujeito que humilha e para as condições de incapacidade de se defender do sujeito que sofre a ação.





Nesse sentido, ao analisar imagens que apresentam discursivamente situações/casos de violência simbólica, percebemos que a violência existe ainda que não seja física, mas, ainda assim, resulta na inferiorização de um sujeito. Também a imagem aqui é percebida como forma de significações múltiplas e não fixas e imutáveis, já que o artista se apropria da realidade para (des)construí-la a partir de outro discurso: o imagético.

Para Orlandi (1998), a língua pode ser percebida como sistema, mas não um sistema abstrato, pois ela é “ordem significativa que se inscreve na história para fazer sentido e implica (...) considerar o sujeito discursivo enquanto sujeito histórico” (p. 154). A partir do funcionamento da língua na história podemos depreender a materialidade ideológica inserida nos discursos, conforme nos ensina Orlandi (2000, p. 15): “Na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana”.

Para produzir sentidos, a língua serve tanto para comunicar quanto para não comunicar (não se reduzindo a estas funções, se considerar-se que a produção de sentidos não está ligada, em AD, nas intencionalidades do enunciador). Para Orlandi (2000), isso ocorre porque o ato de dizer implica o não dizer. Contribuindo com estas discussões podemos mencionar Pêcheux (1998) para quem a língua é o lugar no qual se materializam discursos vários independente das intencionalidades do sujeito. Neste contexto, o sujeito é percebido não como um ser com existência individualizada no mundo, mas a partir de uma posição-sujeito (FERNANDES, 2008). Assim, ela é

vista como possibilidade constitutiva do discurso (enquanto elemento exterior ao sujeito e à língua, mas que precisa da língua para se materializar) e não o conjunto de convenções formais que o sujeito se apropria para significar (-se) como percebida pelos estruturalistas.

Pierre Raymond (In: *Le passage an materialism*, Paris: Seuil, 1973) chamou recentemente a atenção para o fato de que esse “meio” ou esse “instrumento” não é “instrumento técnico ou científico” e que essa “comunicação” não é *a priori* identificável às comunicações materiais fornecidas por diversos meios estudados em outros domínios, o que leva a pensar que a expressão “instrumento de comunicação” deve ser tomada em sentido figurado e não em sentido próprio, na medida em que esse “instrumento” permite, ao mesmo tempo, a comunicação e a não-comunicação, isto é, autoriza a divisão sob a aparência da unidade, em razão do fato de não se estar tratando, em *primeira instância*, da *comunicação* de um sentido. (PECHEUX, 1998, p.92-3)

Pode-se então pensar a imagem através deste viés, a partir do “movimento” do(s) discurso(s) que se materializam e que refletem/refratam os atos de comunicar e de não comunicar no instante de produção de sentidos, já que ao enunciar de certo modo e estar filiado, dessa forma, a uma formação discursiva e não outra há, inevitavelmente, também apagamentos. Isso ocorre porque



dizer implica também silenciar dizeres e porque se apreende com Bakhtin que (1986, p. 32) “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra”.

Elaborar charges e tecer gestos de interpretação acerca de imagens são atos que se realizam a partir do trabalho com o simbólico. Dessa forma, os sentidos produzidos através do discurso imagético estabelecem relações com aquilo que representa na (re)leitura do acontecimento discursivo, em que o(s) sujeito(s) se percebem constituídos de historicidade e interpelados pela ideologia para que possam significar (-se).

Em relação ao sentido daquilo que se quer representar, pode-se atentar para a relação entre sujeito e sentido já que para a AD o sujeito se constitui enquanto efeito de sentido a partir das relações que trava com a formação discursiva na qual se insere e também a partir da posição-sujeito em que pode estar (se) inseri(n)do.

Desse modo, podemos afirmar que a língua e a ideologia afetam a constituição do sujeito e do discurso. Assim, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo e, ao se constituir, o sujeito (re)significa-se a partir da ideologia. Em relação à produção de efeitos de sentidos no discurso, podemos dizer que não há essência do sentido, ele é sempre uma relação que tem a ver com o conjunto das Formações Discursivas (FD), pois é dentro de uma formação discursiva que está o que deve e pode ser dito. Portanto, as palavras,

preposições, expressões, para a AD, recebem seu sentido no interior da FD na qual são produzidas podendo ser até mesmo re-significadas. (SILVEIRA & DUARTE, 2012)

O excerto anteriormente destacado vai ao encontro dos estudos de Freda Indursky (1997, p. 27-28) para quem o sujeito para a AD é descentrado devido às posições-sujeito socialmente construídas, que (pré) determinam as posições-sujeito através das quais ele produz seu discurso. Assim, por causa dessas interpelações, não existe uma visão de sujeito neutro, ideal e autônomo. Existe assim, no universo da língua, um *locus* enunciativo a partir do qual vários indivíduos possam situar sua fala (discurso) de acordo com a(s) afinidade(s) ideológica(s) dos sujeitos em situação enunciativa.

Nos caminhos da leitura da imagem: em busca dos gestos de interpretação

A charge faz emergirem discursos que ora se confundem, ora se aproximam a partir dos efeitos de sentido produzidos com as interpretações dos sujeitos históricos e sociais inseridos em situações interpretativas. No processo enunciativo, tem-se um sujeito “ouvinte” e outro sujeito “interlocutor” que enunciam a partir de suas posições-sujeito direcionando seus discursos a partir da formação-discursiva em que estão inseridos. Conforme já mencionado anteriormente, ambos os sujeitos são interpelados pela ideologia em seus discursos dentro das formações discursivas em que estão inseridos que determinam o que pode e deve ser dito dentro dessa formação. Desse modo, no caso da imagem,





tem-se um *locus* de produção de sentidos em que o chargista (assim como os sujeitos-leitores enquanto tecedores de gestos interpretativos) apresenta seu “discurso” em direção a um ou mais sujeitos sociais inseridos historicamente no ambiente da luta de classes.

Por isso se afirma que a imagem, assim como o todo dizer, não é unívoca e também não se resume apenas ao “óbvio”. Assim como os sujeitos que se inserem em formações discursivas distintas, o desenho tem a função de representar, a partir do discurso imagético, os conflitos sociais em que os leitores estão inseridos na sociedade. Logo, temos o (re) direcionamento do discurso a partir do público-alvo para que haja a (re) leitura do mundo dos sujeitos historicamente inseridos nas situações (que vão ser continuamente re) descritas. Desse modo, a imagem neste contexto tem essa função de interpretar os discursos e problematizar os acontecimentos a partir de um discurso caricato que faz com que ela seja ao mesmo tempo, interpretação e provocação. Cabe aqui reiterar, portanto, que

O sujeito da AD não é o sujeito empírico, mas a posição-sujeito projetada no discurso. E isso se dá no jogo das formações imaginárias que presidem todo discurso: a imagem que o sujeito tem dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto de seu discurso. Assim também como ele tem a imagem que o interlocutor tem de si mesmo, de quem lhe fala e do objeto do discurso. (SILVEIRA & DUARTE, 2012)

Nos casos da violência simbólica tem-se, por exemplo, a questão do *bullying* muito presente em nossa sociedade, que faz com que se revele, na escola, por exemplo, essa luta de classes em que o(s) sujeito(s) inserido(s) na posição de “dominador(es)” do discurso oficial (de humilhação) agem em relação a outro(s) sujeito(s) dominado.

Desse modo, a charge, agindo a partir de um movimento interpretativo da tensão causada pelo acontecimento discursivo, vai esmiuçar as relações aí presentes e apresentar-se no sentido de não apenas retratar o real, mas de atuar criando novos discursos sobre o já-dito. Torna-se então possível destacar a imagem como sendo a materialização de um discurso próprio, que fala de outros discursos, a partir da linguagem não-verbal (e que, muitas vezes se utiliza da linguagem verbal mas que depende do conjunto – imagem e linguagem verbal- para produzir sentidos nos espaços sincréticos em que se manifesta).

Na AD o que está fora (o exterior) faz parte integrante do que está dentro (o interior). Não, há, pois, dicotomia; há tensão, contradição. Como se estivéssemos frente a um quadro de um pintor: a moldura, a luz, o ambiente, a parede em que está colocado são elementos que compõem junto com a tela os efeitos de sentido que vão produzir para o observador. Com outra moldura, sobre diferente luz, em nova parede, a significação já seria outra. (FERREIRA, 2000, 203)



A partir da união dos discursos verbal e não-verbal se estabelece um terceiro discurso, o discurso do Outro, percebido através dos gestos de interpretação e ter-se-á não apenas dois discursos diferentes e distintos, mas a soma de três discursos, repletos de outros discursos que significam e que precisam atuar em conjunto para produzir gestos de interpretações cada vez mais expressivos do enunciado proposto a partir da representação.

De acordo com Pêcheux (1988), há um momento na linguagem em que língua e história se cruzam gerando sentidos. Desse modo, podemos inferir que Pêcheux não vê a língua como algo externo ao sujeito ou como algo que só pode ser enunciado por ele mesmo produzindo sentidos a partir da apropriação dela por este, mas como algo fundamental não apenas para a produção de sentidos, mas também de constituição do próprio sujeito. Em uma imagem os sujeitos em constituição estão representados em suas realidades (ainda que caricaturizados) e produzem sentido ainda que em silêncio já que o silêncio e a “neutralidade” também são significativos no discurso.

O gesto de leitura e de (re) criação enquanto ato de produção de sentidos se renova e aparece tanto na posição de sujeito-leitor, quanto na posição de sujeito-autor, já que, ao significar, ambos revezam e partilham dessas posições, no ato da interpretação. Também a imagem está repleta de ideologias, identificável na superfície discursiva, já que

(...) é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado,

um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (PECHEUX, 1988, p.160).

Como a língua expressada no discurso imagético o é a partir de um contexto maior de linguagem é nesse discurso que estão expressas as noções (pré) estabelecidas ideologicamente inseridas no(s) discurso(s) representado(s). De acordo com Indursky (2000), o sujeito para Pêcheux passa a ser uma posição ideológica a partir da qual o sujeito enquanto posição pode enunciar e seus enunciados produzem diversos sentidos (além do dito, inclusive) nos espaços de interação. Sob este viés, “o trabalho da AD se dá sobre a materialidade discursiva, desconstruindo-a para identificar os funcionamentos discursivos que promovem a ilusão de um sentido único” (ALÓS, 2004, p. 500).

Como tanto um quanto o outro são sujeitos leitor e autor interpelados pela ideologia antes e no instante da produção de sentidos não podemos falar em neutralidade na representação do mesmo modo como não podemos caracterizar assim o discurso jornalístico já que este traz consigo filiações políticas, por exemplo, que “garantem” a quem escreve o posicionamento diante dos fatos. Ocorre que mesmo quem interpreta uma charge só pode fazê-lo a partir de sua formação discursiva, o que já direciona a interpretação para o





viés da posição discursiva em que enuncia seus discursos.

Considerando a concepção de sujeito histórico e socialmente constituído e levando em conta o modelo de luta de classes cabe aqui o questionamento: para quem esse discurso vai ser direcionado? Para os sujeitos que se inserem no processo (e isso compreende todos os leitores, que de alguma forma ou de outra estão inseridos neste processo histórico e até mesmo o autor da charge de si para consigo e em direção ao outro). Dessa forma, as leituras em circulação numa sociedade passam a ser vistas a partir do prisma de leitores que ao ler retratam/refratam no contexto de produção de sentidos do discurso metafórico.

A imagem e os gestos de interpretação: a análise da charge na fronteira dos sentidos

Na interpretação da língua(gem) muitas vezes o discurso imagético é visto como passível de ser traduzido para o discurso verbal a partir do não-verbal onde encontraria de fato sua materialidade discursiva. Ocorre que o próprio discurso imagético já está repleto de significação, antes mesmo de ser “traduzido” para o discurso verbal. Isso por que o discurso não-verbal já é por si só um sistema de significação. Conforme Orlandi (1993), assim como o silêncio que também é significativo dentro dos estudos do discurso, também o discurso não-verbal tem sua significação assinalada.

E em relação ao discurso imagético, como considerar a questão do sentido?

Sobre o processo de significação da imagem, as discussões estão, em geral, restritas a duas vertentes principais: ou se toma a imagem da mesma forma como se toma o signo lingüístico, discutindo - lhe as questões relativas à arbitrariedade, à imitação, à referencialidade, ou se toma a imagem nos traços específicos que a caracterizam, tais como extensão e distância, profundidade, verticalidade, estabilidade, ilimitabilidade, cor, sombra, textura, etc., buscando - se a definição de que modo se dá a apreensão (ou leitura?) da imagem naquilo que lhe seria específico (cf.: KLEE, 1973 e DAVIDSON, 1984 apud SOUZA, 1998).

Aqui então cabe a constatação de que o discurso imagético é por si mesmo um discurso repleto de significações. Dessa forma, o enunciado não-verbal não passa a ter significação a partir da “tradução” do discurso não-verbal para o verbal, mas já traz em si mesmo a materialidade discursiva necessária para que haja comunicação a partir do não-verbal. Assim como o silêncio, o não-verbal tem seu lugar nos estudos do discurso não como discurso menor, mas como um discurso específico passível de interpretação. Apontar-se-á então a seguir como isso pode ser melhor explorado (sem apresentar exaustivamente a análise) a partir de um exemplo específico:



Fonte: Jornal do Estudante, 19 de junho de 2011

Ao ser observada a charge como um todo, o enunciado da personagem feminina pode falar *da* imagem e não *no lugar* dela nem os gestos de interpretação do leitor vão “traduzir” a imagem para o verbal. Sob este enfoque, essa “tradução” de natureza verbal apenas delimita uma interpretação do discurso imagético, porém, não o substitui. Torna-se então necessário atentar para o fato de que uma imagem é formada de um campo de significação específico, que não pode revelar todo o conteúdo visual através do verbal. A partir do instante em que se transfere o não-verbal para outro campo discursivo, estar-se-á considerando dois campos de significação que, em sua materialidade discursiva (seja a partir da imagem ou do verbal) ocorre a produção de efeitos de sentido diferentes, de acordo com as condições de produção em que houve a materialização do discurso na língua(gem) na sua relação com os leitores.

Sobre a interpretação reitero que ela é em si uma

prática ideológica e é na dinamicidade da língua que, tanto autor como leitor, manifestam-se enquanto sujeitos discursivos determinados historicamente, por isso ambos significam na historicidade em que estão inscritos; é assim que se relacionam com o sentido, pois este também é história.(MACHADO, 2006, p. 97)

De acordo com Silva (1998), a palavra descreve a imagem, porém, não revela a sua matéria visual. Por causa disso, de acordo com a autora, uma “imagem não vale mil palavras, ou outro número qualquer. (...) É a visualidade que permite a existência, a forma material da imagem e não a sua correlação com o verbal. Nesse sentido, a palavra não pode ser a moeda de troca das imagens” (Davidson, 1984).

O que foi dito anteriormente não se refere ao fato de não existir a possibilidade de que o sujeito-leitor teça gestos de interpretação em





relação ao que foi lido na materialidade da charge. Ao observar os personagens, as cores destacadas nas roupas (o vermelho da personagem feminina que pode remeter a vários sentidos como a cor do sangue das batalhas, por exemplo, e seu enunciado revela preocupação e cautela, ainda que por trás de dizeres tranquilizadores) e na roupa do personagem (que pode remeter à semelhança com as vestimentas do exército, como se este estivesse se preparando para uma guerra) pode-se perceber que eles apontam para uma realidade exterior a eles, representando assim, a sociedade do sujeito-autor e sujeito-leitor e apontando inclusive para posições-sujeito específicas (poderiam ser outras em outros ambientes).

Retomando Bakhtin para quem um signo reflete e refrata outra realidade aqui poderia ser outra realidade apresentada ou ainda representada sob outro viés. Mas que viés é este, afinal? Cabe aqui destacar que no terreno da análise de discursos (sobretudo a partir da AD francesa) não se busca a completude do sentido, até mesmo porque ela não existe devido à multiplicidade de sujeitos, histórias e lugares que vão se manifestando através da produção de sentidos dos discursos materializados na charge e das interpretações produzidas/silenciadas.

Dessa forma, há escolhas do sujeito-autor para representar a realidade exterior que chamam atenção na materialidade elencada para breve análise. Há, neste contexto, duas posições-sujeito representadas: sujeito-neto e sujeito-avó (os cabelos, os óculos e a discursivização de enunciados que remetem ao cuidado, a cautela geralmente associados aos avós podem apontar para isso). O sujeito-neto também se insere noutra

posição: é sujeito-estudante. Retomando o conceito de formação-discursiva, em que os sujeitos enquanto posições-sujeito inscrevem-se e no interior das quais está o que pode e deve ser dito, reiteramos aqui que o efeito de humor pode residir no exagero da ação de vestir o neto vinda da senhora de cabelos prateados (sujeito-avó) o que remete também a uma crítica à violência do contexto escolar da época em que a charge foi veiculada na mídia.

Ao invés de buscar a situação particular que originou a charge (a charge surgiu em um momento em que crescia o número de incidência de casos de agressões no contexto escolar), pensamos na (re)atualização que traz consigo novas leituras a partir dos gestos de interpretação tecidos por sujeitos outros a partir de suas formações discursivas específicas. Retomando ainda o conceito de formações imaginárias (PÊCHEUX, 1998), podemos perceber que o sujeito-autor da charge constrói a representação do espaço em que vive a partir de um fato isolado que reverbera no sujeito-leitor ora refratando ora refletindo a opinião do sujeito-leitor que encontra a leitura da materialidade mencionada a partir dos dizeres possíveis no interior da Formação discursiva a que pertence.

Ao observar a imagem têm-se então elementos passíveis de interpretação. Ainda que o dizer verbal não estivesse ali escrito alguns sentidos poderiam ter sido produzidos e mesmo outros que talvez subvertessem a ordem do contexto mencionado. Conforme considerado anteriormente, é preciso que se pense na articulação de três discursos: o discurso verbal, o discurso não-verbal e o discurso Outro, provindo das interpretações possíveis e articuláveis da união dos dois discursos



materializados na charge. Estes gestos de interpretação podem ser sempre outros, pois estão em estado de contínuas movências e apontam para a diversidade de sujeitos, épocas e historicidades, bem como à filiação de sentidos e a circulação de discursivizações social, histórico e culturalmente (re)produzidas.

O que resta destacar aqui é o fato de que a materialidade da charge deve ser percebida não como lugar em que se manifesta a hierarquização do verbal sobre o não-verbal, mas que ambos se articulam no espaço de configuração mencionado para produzir sentidos através dos enunciados construídos. Sobre sujeitos-leitores e sujeitos-autores, podemos então reiterar que se trata de ambos os sujeitos em posições que se alternam: o sujeito-autor também é leitor da realidade que o cerca e o sujeito-leitor também é autor, já que através da inscrição em sua formação discursiva tece gestos de interpretação sobre a charge.

Aspectos conclusivos

O que aqui se procurou considerar é que a imagem por si só já constitui uma espécie de linguagem, porque enunciados não verbais podem materializar discursos exteriores à língua que produzem sentidos ao se materializarem nestes enunciados. Assim, tem-se a leitura de um discurso específico, que não o verbal, mas que nem por isso esgota sua significação, já que os elementos visuais representativos, como a referencialidade, por exemplo, a partir da leitura de um fato real, possibilitam o entendimento e (re) interpretação assim como a ressignificação pode emergir em outros contextos distantes daquele em que a charge foi produzida. Dessa forma, a charge que contenha discursos verbais e não-

verbais de representação do mundo deve ser percebida a partir da articulação destes elementos que colaboram entre si no instante da interpretação e não como elementos hierarquizados um sobre o outro.

Assim como o sujeito-autor ao estar situado enquanto tal no discurso referencia o mundo a que faz parte no ato da representação o sujeito-leitor também o faz e ambos refletem sua "interioridade" no ato da interpretação, trazendo à tona os fatores ideológicos, históricos e sociais de que se foram constituindo enquanto sujeitos no percurso da produção de sentidos. O lugar social dos sujeitos é fator predominante em sua interpretação e situa historicamente os leitores a partir das identificações e (des)construções que vão instaurando sujeitos em relação ao discurso. Neste trabalho procurou-se perceber o discurso como exterior à língua, mas que precisa dela para se materializar. No caso da imagem pode-se dizer que através dela também podem se materializar discursos assim como em enunciados verbais.

Finalmente tornam-se passíveis de consideração desse modo que tanto as posições de autor e de leitor enquanto representações do sujeito em relação ao discurso (no caso, o não-verbal e o verbal) se manifestam na linguagem através do imaginário e da ideologia. Dessa forma, a interpretação é vista enquanto prática de linguagem que poderia ser comparada a um espelho (refletindo/refratando) em que os sujeitos produtores de significação se veem refletidos no discurso do Outro. De acordo com Webler (2010, p.132),

(...) o discurso não (é apenas) uma manifestação do sujeito que pensa, ouve, conhece e diz (...). As posições do sujeito, em





Focault, se definem, assim, pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios. Cabe ponderar que, do ponto de vista da Análise do Discurso, esses lugares institucionais são tratados como instâncias ideológicas.

Aqui se pode perceber a relação do sujeito-leitor com o mundo que o cerca. Neste modo, Pêcheux(1998) enuncia que quando falamos as palavras já vêm impregnadas/contaminadas de outros discursos. Nesse sentido, ele se aproxima de Bakhtin (1997), para quem não é possível separar o eu do outro, por que o eu é o resultado de uma mistura de outros, que dialogam

ao mesmo tempo. Neste contexto, a imagem, em sua materialidade discursiva, torna-se dinâmica quando entra em circulação na sociedade e muda de sentido sempre quando é utilizada quer no ato da autoria ou quando em estado de interpretação.

Então, enunciar pode ser visto como um ato de linguagem que está relacionado ao ato de perder o controle dos sentidos que são produzidos. Isso porque quanto mais se entra em contato com um enunciado mais podem ser produzidas significações diferentes por que ele vai se relacionar com outras significações em relação ao discurso do outro, que passa a se confundir com o enunciado no ato da interpretação.

IMAGE, DISCOURSE AND MEANING: RELATIONS BETWEEN SUBJECTS IN THE FABRIC OF THE SENSES

Abstract

This descriptive and interpretive work of qualitative approach falls in line with the discursive studies and is based on the discourse analysis of French line of Michel Pêcheux and has as purpose to discuss the relations between subject and image interpretation. In order to contribute to the study of this field, in particular with regard to the study of images linked to verbal speeches, will be a descriptive analysis based partial bibliography of theoretical authors who hold discussions with the French AD targeting launch lights to the materiality analysis. Bearing this methodological-theoretical supply, charges that contains verbal and non-verbal discourses of representation of the world must be perceived as articulated elements that collaborate with each other at the instant of interpretation and not as hierarchical elements on top of each other. In this way, seeks to highlight the differentiations of verbal and non-verbal speech considering them outside the language materialized in listed with specific features (re) producing senses.

Keywords: Discourse studies. Picture. Interpretations.

Artigo submetido para publicação em: 16-09-2012

Aceito em: 25-07-2014



REFERÊNCIAS:

- ALÓS, A. P. Em busca de um percurso singular dos sentidos: cinco noções básicas do dispositivo teórico na análise do discurso. In: **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 4 n nº 2, jan/jun 2004, p. 489-512.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Trad. J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1974.
- ALTHUSSER, L. **Posições- 1**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- BAKHTIN, M. (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8ª ed. São Paulo: Huicitec, 1986.
- BOURDIEU, P. **Sobre o poder simbólico**. In: O poder simbólico. Lisboa: DIFEL, 1989.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. [Tradução de Guy Reynaud]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CHARGES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. In: *Jornal do Estudante*, 19 de junho de 2011. Disponível em: <http://jestudante.blogspot.com.br/2011/06/charges-da-educacao-brasileira.html>
- DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. et. al. **Papel da Memória**. [Tradução e introdução de J. H. Nunes]. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- FERNANDES, C.A. **Análise de discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FERREIRA, M.C.L. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2001.
- FERREIRA, M.C.L. **Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre: Universidade/ UFRGS, 2000.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. [Trad. de Luiz F. B. Neves]. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- GADET, F. & PÊCHEUX, M. **A língua inatingível: o discurso na história da lingüística**. [Trad. de Bethânia M., Maria E. C. De Mello]. Campinas, SP: Pontes, 2004. (original de 1981).
- INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas: UNICAMP, 1997.
- INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: INDURSKY, F. & CAMPOS, M. C. (Org.) **Discurso, memória e identidade**. Porto Alegre, RS: Sagra Luzatto, 2000, p.70-81.
- INDURSKY, F. A prática discursiva da leitura. In: **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- LEITE, N.V.A. **Psicanálise e Análise do Discurso**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.
- MACHADO, Rosely Diniz da Silva. **O estudo do gênero pelo viés discursivo: refletindo sobre a dualidade masculino/feminino e sua relação com a escrita**. 2006. 341 f. Tese (Doutorado em estudos da linguagem) Instituto de Letras da UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul.
- ORLANDI, E.P. **O que é Lingüística**. Brasília, DF: Brasiliense, 1987.
- ORLANDI, E.P. **Discurso e Leitura**. Campinas, SP: Cortez, 1988.
- ORLANDI, E.P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.





- ORLANDI, E.P. **Interpretação**. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- ORLANDI, E.P. (Org.) **Gestos de Leitura**. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.
- ORLANDI, E.P. (Org.) **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- ORLANDI, E.P. (Org.) **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E.P. (Org.) **Discurso Fundador**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E.P. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- PECHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. (Coleção Repertórios).
- SILVEIRA, E.L.; DUARTE, A.M.S. O discurso e as (des)identificações: reflexões acerca do feminismo e as vozes de resistência na atualidade. In: **Rascunhos Culturais**. Coxim/UFMS, vol. 3, nº 6, jul-dez 2012, pp. 143-164.
- SOUZA, T. C. C. **Discurso e imagem**. Perspectivas de análise não-verbal. Revista Ciberlegenda, Rio de Janeiro: PPGCOM UFF n. 1, 1998.
- VOGT, C.; DUCROT, O. De magis a mas: uma hipótese semântica. In: VOGT, C. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: Huicitec, 1989.
- WEBLER, Darlene Arlete. **As práticas discursivas dos operários em empreendimentos de produção industrial autogestionária**. 2008. 312 f. Tese (Doutorado em estudos da linguagem) Instituto de Letras da UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul.
- WEBLER, D. A. **A autogestão na perspectiva da análise do discurso**. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.